

A leitura de Deleuze sobre o masoquismo e o sadismo na teoria freudiana¹

The reading of Deleuze on the sadism and masochism in Freudian theory

Juliana Martins Rodrigues²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo abordar a argumentação deleuziana sobre o sadismo e o masoquismo. Será necessário apontar o que mais diferencia sua compreensão da visão psicanalítica freudiana. Observa-se que Deleuze faz uma crítica à maneira pela qual Freud, ao atrelar uma experiência à outra, perde as particularidades de cada uma. Nesse sentido, Deleuze pretende desfazer a entidade sadomasoquista, assim como questionar a maneira sempre dualista com que Freud trabalha, o que muitas vezes faz com que diferenças e singularidades passem despercebidas.

Palavras-chave: Deleuze, Freud, sadismo, masoquismo, pensamento binário, singularidades.

Abstract: *The present article aims to discuss the deleuzian argumentation on the sadism and masochism. It will be necessary to point out what most distinguishes his understanding from the Freudian psychoanalytical vision. It appears that Deleuze criticizes the way in which Freud, approximates an experience to the other, losing the particularities of each. In that sense, Deleuze wants to undo the entity of the sadomasoquism, as well as call into question the freudian dualistic thought, which often left differences and singularities unnoticed.*

Keywords: *Deleuze, Freud, sadism, masochism, binary thought, singularities.*

1. Este artigo é parte da dissertação de mestrado concluído na PUC-RIO.

2. Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Associada ao Fórum do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

Encontra-se, em *Apresentação de Sacher-Masoch* (1967/1983), a análise deleuziana sobre o masoquismo e o sadismo na leitura de Freud. Nesse livro podemos observar que o grande esforço de Deleuze é fazer uma crítica à maneira sempre dualista com que Freud trabalha, o que muitas vezes faz com que diferenças e singularidades, que colocam em questão o poder do pensamento binário, passem despercebidas.

Deleuze questiona a teoria da psicanálise e a entidade sadomasoquista que Freud tende a assegurar, reduzindo o masoquismo a um complemento do sadismo, e reunindo, arbitrariamente, sintomas bastante diferentes.

No senso comum, parece evidente que um sádico e um masoquista venham a se encontrar. No entanto, nunca um sádico suportará uma vítima masoquista, assim como um masoquista não suportará um carrasco sádico. Segundo Deleuze, essa seria uma tola pretensão de avaliação do mundo das perversões. O masoquista deve formar e persuadir a mulher-carrasco para realizar seu projeto, que fracassaria com uma verdadeira sádica.

Na verdade, temos por demais a tendência de negligenciar essa evidência: se a mulher-carrasco no masoquismo não pode ser sádica, é precisamente porque está dentro do masoquismo, porque é parte integrante da situação masoquista, elemento realizado do fantasma masoquista: ela pertence ao masoquismo. Não no sentido de que ela teria os mesmos gostos que sua vítima, mas porque ela tem esse “sadismo”, que não se encontra nunca no sádico e que é como o duplo ou a reflexão do masoquismo. Dir-se-á a mesma coisa do sadismo: se a vítima não pode ser masoquista, não é simplesmente porque o libertino ficaria despeitado se ela tivesse prazeres, é porque a vítima do sádico pertence inteiramente ao sadismo, é parte integrante da situação, e aparece estranhamente como o duplo do carrasco sádico (DELEUZE, 1967/1983, op.cit., p.45).

Misturam-se dessa forma duas entidades e pressupõe-se um comunicar abstrato de dois mundos diferentes, o sadismo e o masoquismo, criando o que Deleuze considera o preconceito sadomasoquista. De acordo com a *Apresentação de Sacher-Masoch*, o sadismo e o masoquismo seriam figuras completas, dispondo de todos os elementos que tornam impossível a passagem de um para o outro.

Por mais que a argumentação de Deleuze caminhe no sentido de desfazer a entidade sadomasoquista, faz-se necessário, primeiramente, buscar entender como o autor caracteriza o sadismo e o masoquismo e o que mais se diferencia da visão psicanalítica freudiana.

Tem-se a impressão de que Deleuze quer privilegiar as diferenças, observar características que, tanto no caso do sadismo como no do maso-

quismo, não são analisadas por Freud. Este, talvez por sempre atrelar uma experiência à outra, perde a riqueza dos detalhes, as particularidades de cada um.

No masoquismo, Deleuze considera primordial a elaboração de contratos, pactos que o masoquista estabelece e também seu caráter educador que forma a mulher déspota. Ele identifica no masoquismo um espírito dialético, platônico, e também uma espécie de “lucro secundário”, próprio ao masoquista.

O autor afirma que as definições do masoquismo pautadas apenas no complexo prazer-dor, são insuficientes, e que um elemento essencial na descrição do masoquismo é o contrato que se estabelece nas relações.

(...) O masoquista só em aparência é preso por ferros e laços; não está preso senão pela palavra. O contrato masoquista não exprime apenas a necessidade de consentimento da vítima, mas o dom de persuasão, o esforço pedagógico e jurídico pelo qual a vítima adentra o seu carrasco (Id., *ibid.*, p.83).

Segundo o texto deleuziano, no masoquismo a obra de arte e o contrato fazem passar da natureza grosseira à grande natureza sentimental. O masoquista demonstra um gosto pela lei, já que o contrato gera uma lei. No entanto, não é suficiente apresentá-lo como submetido às leis, já que ele a ataca pelo outro lado; a aparente docilidade do masoquista esconde uma crítica e o prazer sentido por ele.

Encarando a lei como um processo punitivo, o masoquista começa por se fazer aplicar a punição; e nessa punição sofrida, ele encontra paradoxalmente uma razão que o autoriza, e até lhe ordena sentir o prazer que a lei era suposta proibir-lhe (Id., *ibid.*, p.97).

Deleuze considera, contrariamente à tese freudiana, que ao masoquista falta o superego, não o ego; pensa no triunfo que se esconde sob um ego que se declara fraco, utilizando essa suposta fraqueza para levar a mulher à função que lhe é determinada. O ego triunfa e o superego aparece do lado de fora na forma da mulher-carrasco.

O sádico, por sua vez, é caracterizado por Deleuze como aquele que precisa de instituições em vez de contratos. Ele se apega a uma função demonstrativa, identifica-se com um superego esmagador, torna-se o próprio superego, expulsa o ego e, a partir daí, só o identifica no exterior: seu ego é o de suas vítimas.

O masoquista gosta de contratos e o sádico de instituições. Essa distinção propõe uma diferença bastante acentuada na forma de se abordar a lei, como demonstra Deleuze na seguinte passagem:

(...) Conhece-se a distinção jurídica entre o contrato e a instituição: aquele em princípio supõe a verdade dos contratantes, define entre eles um sistema de direito e de deveres, não é oponível a terceiros e vale por um tempo limitado; esta última tende a estabelecer um estatuto de longa duração, involuntário e inacessível, constitutivo de um poder, de uma potência, cujo efeito é oponível a terceiros. Mas mais característica ainda é a diferença do contrato e da instituição com relação àquilo que se chama uma lei: o contrato é realmente gerador de uma lei, mesmo que essa lei venha ultrapassar e desmentir as condições que lhe dão nascimento; pelo contrário, a instituição se apresenta como sendo de uma ordem muito diferente da lei, tornando as leis inúteis, e substituindo o sistema de direitos e deveres por um modelo dinâmico de ação, de poder e de potência (Id., *ibid.*, p.85).

Enquanto o masoquista faz a passagem de uma natureza grosseira, primária, para uma grande natureza sentimental, valorizando a arte e os contratos, por exemplo, o sádico, inversamente, faz a passagem da natureza segunda, para a natureza primeira. O sádico tem ódio ao tirano e à lei e realiza, como demonstra Deleuze na citação abaixo, o seguinte percurso:

a lei é então ultrapassada para um mais alto princípio, mas esse princípio não é mais um Bem no qual é fundada; é pelo contrário, a idéia de um Mal, Ser supremo em maldade, que a derruba. Derrubada do platonismo, e derrubada da lei mesma. A ultrapassagem da lei implica a descoberta de uma natureza primeira, que se opõe em todos os pontos às exigências e aos reinos da segunda natureza. É o porquê da idéia do mal absoluto, tal como encarnada nessa natureza primeira, não se confundir nem com a tirania, que supõe ainda leis, nem mesmo com um composto de caprichos e arbitrariedades. Seu modelo superior e impessoal está antes nas instituições anarquistas de moto perpétuo e de revolução permanente (Id., *ibid.*, p.95).

No intuito de dissociar a síndrome sadomasoquista, Deleuze propõe retomar a questão a partir do zero. Questiona a maneira como Freud desenvolveu a idéia do sadomasoquismo e procura retrair o percurso freudiano.

Deleuze identifica em Freud duas concepções de sadomasoquismo: uma relacionada aos instintos sexuais e do ego e outra relacionada à dualidade dos instintos de vida e de morte. Questiona se o “transformismo” que Freud prega entre sadismo e masoquismo não é, de certa forma, limitado por essa dualidade de instintos.

Em *Os instintos e suas vicissitudes* (FREUD, 1915a/1996), texto no qual Freud ainda trabalha com a divisão entre instintos do ego e instintos sexuais, é feita a observação de que um instinto pode passar pelas seguintes

vicissitudes: reversão ao seu oposto, retorno em direção ao próprio eu do indivíduo, repressão e sublimação.

Para Freud, o retorno de um instinto em direção ao próprio eu se torna aceitável pela suposição de que o masoquismo é o sadismo que retorna em direção ao próprio ego. No mesmo texto, propõe o seguinte percurso:

No caso do par de opostos sadismo-masoquismo, o processo pode ser representado da seguinte maneira: a) o sadismo consiste no exercício de violência ou poder sobre uma outra pessoa como objeto. b) Esse objeto é abandonado e substituído pelo eu do indivíduo. Com o retorno em direção ao eu, efetua-se também a mudança de uma finalidade instintual ativa para uma passiva. c) Uma pessoa estranha é mais uma vez procurada como objeto; essa pessoa, em consequência da alteração que ocorreu na finalidade instintual, tem de assumir o papel do sujeito. O caso c é o que comumente se denomina de masoquismo. Também aqui a satisfação segue o caminho do sadismo original, voltando o ego passivo, em fantasia, ao seu papel inicial, que foi agora, de fato, assumido pelo sujeito estranho. Se existe, além disso, uma satisfação masoquista mais direta, isso é muito duvidoso. Um masoquismo primário, não derivado do sadismo na forma que descrevi, não parece ser encontrado (FREUD, 1915a/1996, p.133).

Portanto, em 1915, Freud não acredita na hipótese de um masoquismo primário, apenas consegue visualizar o masoquismo como sendo um derivado do sadismo, o retorno do instinto sádico em direção ao próprio indivíduo.

Deleuze identifica que, nesse momento da obra freudiana, o sadismo precede o masoquismo e lembra que Freud parece não aceitar a existência das possibilidades de transformação entre um grupo e outro de pulsões de qualidades diferentes, aceitando, no domínio das perversões, essa possibilidade de evolução e transformação direta.

Na primeira interpretação freudiana, portanto, a agressividade dos instintos sexuais estaria na origem do sadismo e, no curso do desenvolvimento, poderia se virar contra o próprio ego. Dentre os principais fatores dessa virada estaria a agressividade contra pai e mãe, que se voltaria contra o ego por uma “angústia de perda de amor” ou sob a influência de um sentimento de culpa ligado à instauração do superego.

Para Deleuze, o masoquismo não pode ser definido simplesmente como um sadismo voltado contra o ego porque esse retorno requer uma dessexualização, um abandono dos fins sexuais, o que não acontece no masoquismo. O sadismo e o masoquismo como representantes de uma combinação de dois instintos, não passariam de um para o outro, senão por um processo de dessexualização e ressexualização.

Freud mostrará particularmente que a formação do superego ou da consciência moral, a vitória sobre Édipo, implica a dessexualização desse complexo. Neste sentido concebe-se a possibilidade de um sadismo revirado, de um superego se exercendo com sadismo contra o ego, sem que haja por isso masoquismo do ego propriamente. Não existe masoquismo sem a reativação de Édipo, sem “ressexualização” da consciência moral. O masoquismo se caracteriza não pelo sentimento de culpa, mas pelo desejo de ser punido: a punição vem resolver a culpabilidade e a angústia correspondente e abrir a possibilidade de um prazer sexual. O masoquismo se define então menos pelo reviramento que pela ressexualização do revirado (DELEUZE, 1967/1983, op.cit., p.113).

Deleuze tem a impressão de que a teoria psicanalítica preenche as lacunas que separam masoquismo e sadismo e, ao fazer isso, comete equívocos. Para o autor, é exatamente nos preservando de preencher as lacunas que podemos evitar as ilusões de transformismo e progredir na análise das perturbações. Dessa forma, considera que não podemos definir o masoquismo como erógeno (dor-prazer), nem como moral (culpa-punição), já que o masoquista não chega a uma definição de dor e prazer senão através de um formalismo particular e só vive a culpa através de uma história específica.

Na descrição freudiana, a figura do pai no masoquismo só é determinante porque ela o é efetivamente no sadismo, e essa ligação entre dois mundos diferentes permite tal suposição. Deleuze concorda que o sádico opera a partir de uma negação da mãe e uma inflação do pai, todo-poderoso, acima das leis. Já no universo masoquista, o pai é expulso. O masoquista fecha um contrato com a mulher que, por um determinado tempo, terá todos os direitos sobre ele.

Deleuze reconhece que, mais tarde, Freud não se contentará em dizer que não existe um masoquismo primário ou que o masoquismo é um sadismo revirado. No entanto, considera que Freud sempre manteve a primazia do sadismo.

Efetivamente, em *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920/1996) a possibilidade de um masoquismo primário já é considerada. Esse texto traz mudanças significativas para a teoria freudiana. A oposição entre os instintos do ego e os instintos sexuais é trocada pela oposição entre instintos de vida e de morte.

No mesmo texto, Freud afirma existir na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio do prazer, fala de instintos conservadores, que tenderiam a restaurar um estado anterior de coisas, instinto de retorno ao estado inanimado, que não traria nenhum desejo de mudança,

se contentando em sempre repetir o mesmo curso de vida. Os fenômenos do desenvolvimento orgânico se deveriam a influências desviantes externas.

Freud considera o princípio do prazer como a tendência da vida mental a restaurar um estado inorgânico de falta de tensão interna, uma das mais fortes razões para acreditar nos instintos de morte, supondo que o princípio do prazer serve a esses instintos. Já os instintos sexuais são encarados como a parte de Eros, instinto de vida, voltados para os objetos. Eros opera em oposição aos instintos de morte. No entanto, Freud enfatiza que as pulsões de vida e de morte estão associadas desde o início.

Os instintos de vida surgem como rompedores da paz e constantemente produzem tensões cujo alívio é sentido como prazer, enquanto os de morte parecem efetuar seu trabalho mais discretamente. Nesse momento, Freud enxerga o masoquismo como uma regressão, o instinto retornando a uma fase anterior da sua história.

(...) As observações clínicas nos conduziram, naquela ocasião, à concepção de que o masoquismo, o instinto componente complementar ao sadismo, deve ser encarado como um sadismo que se voltou para o próprio ego do sujeito. Mas, em princípio, não existe diferença entre um instinto voltar-se do objeto para o ego ou do ego para um objeto, que é o novo ponto que se acha em discussão atualmente. O masoquismo, a volta do instinto para o próprio ego do sujeito, constituiria, nesse caso, um retorno a uma fase anterior da história do instinto, uma regressão. A descrição anteriormente fornecida do masoquismo exige uma emenda por ter sido ampla demais sob um aspecto: pode haver um masoquismo primário, possibilidade que naquela época contestei (FREUD, 1920/1996, op.cit., p.65).

Já em *O problema econômico do masoquismo* (FREUD, 1924/1996), Freud se baseia em sua nova descoberta da pulsão de morte. Dessa forma, estabelece conexões entre o masoquismo e a pulsão de morte, sobre os efeitos resultantes da atividade da pulsão de morte voltada para dentro.

Freud considera que o masoquismo se apresenta sob três formas: expressão de natureza feminina (masoquismo feminino); condição imposta à excitação sexual (masoquismo erógeno) e norma de comportamento (masoquismo moral). Em sua concepção, a característica do masoquismo erógeno de sentir prazer na dor está também presente nas duas outras formas.

Para Freud, o masoquismo feminino baseia-se no masoquismo erógeno, primário. Ele considera ser fato comum esse tipo de masoquismo nos homens, cujas fantasias são as de serem maltratados e forçados à obediência

incondicional, que, em última instância, colocaria o indivíduo em uma situação feminina, o que significa ser castrado, copulado e dar à luz um bebê. Esse tipo de masoquismo estaria muito vinculado à vida infantil e à masturbação que traz um fator de culpa, elemento importante na transição para o masoquismo moral.

O fato de o masoquismo feminino basear-se no masoquismo primário e erógeno encontra sua explicação, segundo Freud, na primeira infância. A excitação devida ao sofrimento seria um mecanismo fisiológico infantil que deixa de operar mais tarde, mas que fornece a estrutura psíquica do masoquismo. No entanto, considerando as pulsões de vida e de morte o autor chega a outra derivação do masoquismo.

A inadequação dessa explicação é vista, contudo, no fato de não lançar luz sobre as vinculações regulares e estreitas do masoquismo com seu correspondente na vida instintual, o sadismo. Se remontarmos um pouco atrás, para nossa hipótese das duas classes de instintos que consideramos como operantes no organismo vivo, chegamos a outra derivação do masoquismo, a qual, porém, não está em contradição com a anterior. Nos organismos (multicelulares), a libido enfrenta o instinto de morte ou destruição neles dominante e procura desintegrar o organismo celular e conduzir cada organismo unicelular separado em (que o compõe) para um estado de estabilidade inorgânica (por mas relativa que possa ser). A libido tem a missão de tornar inócuo o instinto destruidor e a realiza desviando esse instinto, em grande parte, para fora – e em breve com o auxílio de um sistema orgânico especial, o aparelho muscular – no sentido de objetos do mundo externo. O instinto é então chamado de instinto destrutivo, instinto de domínio ou vontade de poder. Uma parte do instinto é colocada diretamente a serviço da função sexual, onde tem um papel importante para desempenhar. Esse é o sadismo propriamente dito. Outra porção não compartilha dessa transposição para fora; permanece dentro do organismo e, com o auxílio da excitação sexual acompanhante acima descrita, lá fica libidinalmente presa. É nessa porção que temos de identificar o masoquismo original, erógeno (FREUD, 1924/1996, op.cit., p.181).

Estariamos sempre lidando com uma mistura entre os instintos de vida e os instintos de morte que também sempre se encontram em quantidades diferentes. A pulsão de morte, manifestando-se sob a forma de pulsão de destruição e agressividade transposta para o exterior e a serviço da pulsão sexual, seria o sadismo primário que, por sua vez, seria idêntico ao masoquismo. Após a parte principal dessa pulsão de morte na forma de sadismo ter sido transposta para fora, fica, residualmente, o masoquismo original que se tornou componente da libido e tem o eu como objeto. Para Freud, essa

seria a prova da fase de desenvolvimento em que se efetuou a coalescência entre as duas pulsões. O instinto destrutivo colocado diretamente a serviço da pulsão sexual e transposto para fora, seria o sadismo propriamente dito, enquanto o masoquismo, seria pulsão de morte em fusão com pulsões de vida eróticas, que não foi projetada para o mundo exterior. Trata-se de uma combinação de pulsão de vida e pulsão de morte, que aparece sob a forma sádica ou masoquista, em função da mistura entre pulsões destrutivas e sexuais terem tomando o caminho externo ou interno.

O masoquismo moral tem menos vinculação com a sexualidade e o que importa é o próprio sofrimento, que não precisa emanar da pessoa amada. Nesse texto, é tentador presumir que o instinto destrutivo se voltou para dentro e agora é o eu que sofre as conseqüências. No entanto, parece difícil não levar em consideração a libido, já que a palavra “masoquista” continua sendo empregada.

No masoquismo moral, Freud (Ibid.) considera que o superego desempenha um papel muito exigente e que o ego, por não ter alcançado seu ideal, sente medo e culpa. Esses indivíduos se tornariam inibidos em grau excessivo e no relacionamento entre seu ego e seu superego existiria uma necessidade que é satisfeita pela punição e pelo sofrimento.

A consciência e a moralidade surgiriam depois da superação e dessexualização do complexo de Édipo e, no caso do masoquismo moral, a moralidade se torna novamente sexualizada. O complexo de Édipo é revivido e a moralidade regride até ele.

(...) O masoquismo cria uma tentação a efetuar ações “pecaminosas”, que devem então ser expiadas pelas censuras da consciência sádica ou pelo castigo do grande poder parental do destino. A fim de provocar a punição desse último representante dos pais, o masoquista deve fazer o que é desaconselhável, agir contra seus próprios interesses, arruinar as perspectivas que se abrem para ele no mundo real e, talvez, destruir sua própria existência real (Id., *ibid.*, p.187).

A volta do sadismo contra o eu ocorre, via de regra, quando grande parte dos instintos destrutivos não pode investir o mundo externo. Supõe-se que esse instinto destrutivo aparece como uma intensificação do masoquismo e que a destrutividade que retorna do mundo externo é assumida pelo superego aumentando o sadismo contra o ego.

O sadismo do superego e o masoquismo do ego suplementam-se mutuamente e se unem para produzir os mesmos efeitos. Só assim, penso eu, podemos compreender como a supressão de um instinto pode, com frequência ou muito geralmente, resultar em um sentimento de culpa, e como a consciência

de uma pessoa se torna mais severa e mais sensível, quanto mais se abstém da agressão contra os outros (Id., *ibid.*, p.187).

Freud conclui o texto afirmando que o masoquismo moral prova a existência da fusão das pulsões, origina-se do instinto de morte, é a parcela deste que não foi voltada para fora como instinto de destruição. Sendo assim, ganha a significação de um componente erótico, já que a própria destruição é realizada pelo indivíduo com uma satisfação libidinal.

O masoquismo seria assim pulsão de morte que não foi projetada para o mundo externo em fusão com instintos de vida eróticos.

Deleuze considera que a dúvida sobre a entidade sadomasoquista cresce ainda mais com a chegada da segunda interpretação freudiana, que trabalha com os instintos de vida e de morte.

O instinto de morte, que é um puro princípio, é apenas possível de ser dado em combinações pulsionais de dois instintos. Segundo Deleuze, o instinto de morte apareceria como sadismo no caso de Eros ter assumido sua derivação para o exterior; e como masoquismo, no caso de Eros ter sua derivação ou resíduo para o interior. Aí estaria a afirmação de um masoquismo primário. No entanto, existiria, de novo, um certo sadismo revirado na produção do masoquismo passivo e moral.

Quando Deleuze se questiona sobre o que seria o instinto de morte ele se refere ao *Além do princípio do prazer* freudiano. O prazer seria o princípio que rege a vida psíquica, o id. A instância, o além, que submete a vida psíquica ao domínio do prazer, seria a função de ligação da excitação, que torna possível sua descarga sob a forma de prazer. Dessa forma descobre-se Eros, cuja função é realizar uma ligação constitutiva, exercer uma repetição do momento de uma união necessária. Contudo, além de Eros, descobre-se também Tanatos.

(...) Como a excitação seria ligada, e seria com isso “resolvida”, se a mesma força não tendesse também a negá-la? Além de Eros, Tanatos. Além do fundo, o sem-fundo. Além da repetição, laço, a repetição-borracha, que apaga e que mata. Donde a complexidade dos textos de Freud: uns sugerindo que a repetição seja talvez uma só e única força, ora demoníaca e ora salutar, que se exerce em Tanatos e em Eros; outros, recusando essa hipótese e afirmando definitivamente o mais puro dualismo qualitativo entre Eros e Tanatos, como uma diferença de natureza entre a união, a construção de unidades cada vez mais vastas, e a destruição; outros enfim, indicando que essa diferença qualitativa é sem dúvida subtendida por uma diferença de ritmo e de amplitude, uma diferença nos pontos de chegada (na origem da vida, ou antes da origem...). Deve-se compreender que a repetição, tal como Freud a concebe nesses textos de gênio, é nela mesma síntese do tempo, sín-

tese “transcendental” do tempo. Ela é simultaneamente repetição do antes, do durante e do após (...) (DELEUZE, 1967/1983, op.cit., p.123).

Para Deleuze, o resultado dessa pesquisa freudiana transcendental é que Eros torna possível o princípio do prazer, mas sempre arrasta consigo Tanatos. Trata-se de dois instintos que só existem, ou são dados, em combinação. Eros liga a energia e Tanatos submete essas combinações ao princípio do prazer no id.

Segundo Deleuze, Freud passa então a considerar a desintração das pulsões, a combinação das pulsões quando se considera não mais apenas o id, mas o ego e o superego. Ainda segundo o autor, Freud procurou demonstrar que a constituição do ego e a formação do superego implicam um fenômeno de dessexualização, ou seja, de libido neutralizada, deslocável. No caso do ego, essa dessexualização parece implicar um processo de idealização, e, no superego, um processo de identificação. Com relação ao princípio do prazer, a dessexualização tem como efeitos possíveis perturbações funcionais na aplicação do princípio ou a sublimação das pulsões. A desintração não significa desmentir o princípio do prazer, mas apenas, em função do ego e do superego, a formação dessa energia deslocável no interior das combinações.

Deleuze questiona então se o princípio do prazer se mantém na estrutura perversa como em outros lugares e conclui que a repetição se torna independente de qualquer prazer prévio: é o prazer que acompanha e agora segue a repetição. Prazer e repetição trocariam de papéis como efeito do duplo processo de dessexualização e ressexualização.

(...) Quanto à ancoragem na dor por parte do sadismo e do masoquismo, na verdade não a compreendemos tanto quanto a consideramos nela mesma: a dor não tem absolutamente um sentido sexual, mas representa pelo contrário, a dessexualização que torna a repetição autônoma, e que lhe subordina in loco os prazeres da ressexualização. Dessexualiza-se Eros, mortifica-se-o, para melhor ressexualizar Tanatos. No sadismo e no masoquismo, não há vínculos misteriosos da dor com o prazer. O mistério está em outro lugar. Está no processo de dessexualização que solda a repetição ao oposto do prazer, em seguida no processo de ressexualização que faz como se o prazer da repetição procedesse da dor. No sadismo como no masoquismo, a relação com a dor é um efeito (Id., *ibid.*, p.130).

Deleuze considera, por fim, que nas duas interpretações freudianas o masoquismo nasce a partir do sadismo já que, mesmo na segunda interpretação, apesar da existência de um masoquismo primário, o caráter completo do masoquismo só seria obtido pelo reviramento do sadismo.

De acordo com o pensador francês, a passagem para o masoquismo por uma agressividade virada contra o ego sob a instância do superego seria o essencial para dar argumentação favorável à unidade do sadismo e do masoquismo. Para o autor, sadismo e masoquismo revelam em suas naturezas uma cisão estrutural. Considera que uma má interpretação do ego, do superego e de suas relações pode levar à ilusão da unidade das duas perversões. Deleuze não considera o superego como ponto de reviramento entre sadismo e masoquismo. O superego pertenceria inteiramente ao sadismo e o ego, ao masoquismo. Cada um também possuiria uma forma particular de dessexualizar e ressexualizar. A desintricação não seria então um modo de passagem e o instinto de morte, embora seja elemento comum às duas unidades, também não asseguraria a comunicação das duas perversões.

Finalizando sua argumentação, Deleuze lista as razões pelas quais não se deve, nem se pode, assegurar uma entidade sadomasoquista. Todos os pontos já foram mencionados no texto. No entanto, faz-se necessário apresentar a longa citação deleuziana que reúne todas as suas idéias:

Sadomasoquismo é um desses nomes mal fabricados, monstro semiológico. Cada vez que nos encontramos diante de um signo aparentemente comum, tratava-se apenas de uma síndrome, dissociável em sintomas irreduzíveis. Resumamos: 1) a faculdade especulativa demonstrativa do sadismo, a faculdade dialética-imaginativa do masoquismo; 2) o negativo e a negação no sadismo, a denegação e o suspensivo no masoquismo; 3) a reiteração quantitativa, o suspense qualitativo; 4) o masoquismo próprio ao sádico, o sadismo próprio ao masoquismo, um não se combinando nunca com o outro; 5) a negação da mãe e a inflação do pai no sadismo, a “denegação” da mãe e o aniquilamento do pai no masoquismo; 6) a oposição do papel e do sentido do fetiche nos dois casos; de mesmo para o fantasma; 7) o antiestetismo do sadismo, e o estetismo do masoquismo; 8) o sentido institucional de um e o sentido contratual do outro; 9) o superego e a identificação no sadismo, o ego e a idealização no masoquismo; 10) as duas formas opostas de dessexualização, e de ressexualização; e 11) resumindo o conjunto, a diferença radical entre a apatia sádica e o frio masoquista. Essas onze proposições deveriam exprimir as diferenças sadismo-masoquismo, tanto quanto a diferença literária dos procedimentos de Sade e Masoch (Id., *ibid.*, p.142-143).

Então, na concepção deleuziana, sadismo e masoquismo são, cada um, episódios diferentes e completos assim como, também quanto à literatura, o universo criado por Sade e o universo criado por Masoch, são totalmente distintos. Portanto, segundo o autor, não existe nenhuma perversão geral que ganharia o nome de sadomasoquismo.

Juliana Martins Rodrigues

Rua José Roberto Macedo Soares, 12 / 101

Gávea – Rio de Janeiro – RJ

CEP: 22470-100

E-mail: julianamartinspsi@hotmail.com

Referências

DELEUZE, G. *Apresentação de Sacher-Masoch*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983.

FREUD, S. (1915a). Os instintos e suas vicissitudes. In: _____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre meta psicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (E.S.B., XIV)

_____. (1920). Além do princípio de prazer. In: _____. *Além do princípio de prazer psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (E.S.B., XVIII).

_____. (1924a). O problema econômico do masoquismo. In: _____. *O ego e o id uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (E.S.B., XIX).

Artigo recebido para publicação em 21 de julho de 2008

Aprovado para publicação em 05 de agosto de 2008